



**ARTIGOS
TECNICOS**

concretizem-se estes prognósticos, a suinocultura terá boa oportunidade de se firmar como atividade de importância econômica e social, e contrariamente a produção de carnes nacional poderá sofrer decréscimos consideráveis, face à dependência da avicultura pelo milho e à lenta recuperação da pecuária de corte bovina.

QUADRO 4. - Relações de Preços de Suíno/Preços de Milho Recebido pelos Produtores, 1974-79

(em Cr\$/kg)

Estado	1974			1975			1976			1977			1978			1979 ⁽¹⁾		
	A	B	A/B	A	B	A/B	A	B	A/B	A	B	A/B	A	B	A/B	A	B	A/B
Minas Gerais	6,97	0,56	12,44	6,75	0,76	8,88	7,92	1,17	6,76	13,90	1,28	10,85	18,58	2,09	8,88	26,61	3,30	8,06
São Paulo	6,92	0,55	12,58	6,86	0,80	8,57	7,99	0,99	8,07	13,77	1,14	12,07	17,72	2,19	8,09	27,82	2,71	10,26
Paraná	5,40	0,51	10,58	5,54	0,71	7,80	6,42	0,86	7,46	10,35	0,98	10,56	12,69	1,86	6,82	20,97	2,35	8,92
Santa Catarina	4,50	0,61	7,37	4,77	0,83	5,74	5,85	0,98	5,96	10,21	1,05	9,72	12,42	2,03	6,11	19,93	2,82	7,06
Rio Grande do Sul	4,24	0,62	6,83	4,32	0,75	5,76	5,06	1,10	4,60	8,67	1,24	6,99	11,07	2,11	5,24	17,67	3,13	5,64

(¹) Preços médios até julho.

Obs: A = Preço de Suínos; B = Preço de Milho; A/B = Relação de Preço de Suíno/Preço de Milho.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Fundação Getúlio Vargas (FGV).

1979 (1) A B A/B
 26,61 3,30 8,06
 27,82 2,71 10,26
 20,97 2,35 8,92
 19,93 2,82 7,06
 17,67 3,13 5,64

ras de origem vegetal.

A influência de diversos fatores e a não existência de uma política definida para o setor, destacando-se a fixação de preço de sustentação, resultam em acentuadas variações nos preços médios mensais e anuais.

Outro fato importante a ser observado é a variação dos preços recebidos nas diferentes regiões produtoras, relacionada à maior ou menor distância entre a zona produtora e os principais centros consumidores. Conforme se observa no quadro 4, de maneira geral verificam-se preços maiores nos estados da região Sudeste notadamente São Paulo, maior consumidor e importador de suínos e derivados da Região Sul, principal produtora.

Considerando-se a relação preço de porco/preço do milho como indicativo da situação financeira do setor primário da produção suinícola, pode-se observar que 1974 teria sido, no período considerado, o ano mais favorável a essa exploração, onde se observaram os maiores valores para relação porco/milho, enquanto que em 1976 aqueles coeficientes foram os mais baixos, confirmando o período crítico vivido pelo setor.

No entanto, há de se considerar que os estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, mesmo em situações de crise, têm levado vantagens na relação de preços dos dois produtos, devido em grande parte aos altos preços dos animais, possibilitados pela proximidade dos mercados consumidores, além de preços relativamente inferiores do milho principalmente em função da potencialidade produtora do Paraná.

Já no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, verificam-se baixos valores na relação dada, primeiramente devido aos preços inferiores dos animais, naqueles estados comparativamente aos demais e também pelos altos custos do milho, particularmente no Rio Grande do Sul, onde se tem observado nos últimos anos reduções mais acentuadas do rebanho suíno.

Em relação a 1979, pode-se observar certa recuperação dos valores da relação porco/milho comparativamente ao ano anterior, melhoria esta mais em consequência da alta das cotações dos suínos do que devido à baixa nos preços do milho. A situação caótica em que se encontra o mercado do principal insumo para a suinocultura tem gerado descontentamento no setor, principalmente no sul do País, onde a pouca disponibilidade de milho tem elevado seus preços a níveis considerados inviáveis pelos produtores de porcos.

É certo que o preço de venda dos animais tem apresentado acréscimos consideráveis desde o início do ano, uma vez que o produto é um dos principais substitutos da carne bovina, cujos preços se encontram inacessíveis à maior parcela da população. Contudo, este fato não implica estabilização do setor totalmente dependente do mercado de milho.

Os preços dos suínos, a nível de produtor, deverão continuar em alta, e segundo as expectativas dos órgãos competentes os preços do milho tenderão à estabilização ou mesmo decréscimo nos meses futuros. Caso

provocado grande instabilidade no setor, prejudicando o desenvolvimento da atividade, que se reveste da maior importância, tanto a nível econômico como social. Como se observou, a euforia de mercado no período 1972-74, em consequência da crescente demanda pelo produto, preços favoráveis e perspectiva de aumento de exportação, ocasionou crescimento da produção, que alcançou seu máximo no biênio 1975-76, coincidentemente no período crítico da pecuária bovina de corte, que não encontrava colocação no mercado externo, provocando aumento da oferta interna de carne bovina e conseqüente redução dos preços reais, com reflexos diretos nos preços da carne suína. A diminuição dos preços da carne, aliada à maior oferta de animais vivos, provocou redução das cotações a nível de produtor. Em consequência, houve redução do rebanho suíno, aumentando o abate, inclusive de animais jovens, na tentativa de amenizar os prejuízos e, com isso, a maior oferta de animais para abate forçou mais acentuadamente a queda nos preços.

Em 1977 ocorreu estabilização da oferta, que aliada a preços favoráveis dos insumos, notadamente o milho, levou à gradativa normalização dos rebanhos. Contudo, o setor foi novamente atingido já em início de 1978, com a seca ocorrida no Sul do País, que provocou aumentos substanciais nos preços do milho e dos concentrados, enquanto que os preços dos suínos, a nível de produtor, permaneciam inalterados em relação ao final de 1977.

O surgimento da Peste Suína Africana, a partir de maio, contribuiu para a queda nos preços a nível de produtor, principalmente nos estados do Sul, uma vez que a proibição do trânsito interestadual de animais não permitia a venda para o abate nos principais centros consumidores e com isso o aumento da oferta nas regiões de produção reteve os preços, que começavam a apresentar reação em função do mercado favorável com a alta de preços da carne bovina. No final do período já se notava normalização do mercado e reação dos preços que se estende até o momento.

Sendo a alimentação o principal item componente do custo de produção de suínos, e os gastos com milho respondendo por mais de 60% daquele total, a relação preço de suínos/preço de milho serve para indicar a evolução da lucratividade auferida pela exploração. Altos coeficientes implicam maior estímulo à suinocultura; por outro lado, baixos valores nas relações de preços geram crises como as observadas em 1976 e 1978.

Os preços recebidos pelos produtores sofrem influência de vários fatores, dentre os quais pode-se considerar a atomização da produção, resultando muitas vezes na incapacidade dos produtores de influenciar os preços, sendo estes determinados de forma a garantir, em primeiro lugar, a remuneração dos intermediários que atuam no mercado dos grandes centros consumidores. Além do mencionado, deve-se considerar a influência da variação nos preços de outras carnes, particularmente a bovina e de aves; da sazonalidade da produção, bem como da disponibilidade e preço de gordu

QUADRO 1. - Estratificação das Propriedades Criadoras de Suínos, 1975

Estado	Estrato (ha)	% Sobre o total de propriedades	% Sobre o rebanho total
Rio Grande do Sul	0-50	89,17	88,42
Paraná	0-50	91,00	72,25
Santa Catarina	0-50	87,57	91,00
São Paulo	0-50	67,45	53,83
	50-100	15,21	20,47
Minas Gerais	0-50	66,59	46,80
	50-100	14,09	15,47

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE).

QUADRO 2. - Participação Percentual da Suinocultura no Valor Bruto da Produção Agrícola, 1970-1978.

Estado	1970 ⁽¹⁾	1978 ⁽²⁾
Rio Grande do Sul	7,65	5,55
Santa Catarina	15,84	12,84
Paraná	10,14	2,33
São Paulo	1,35	1,48
Minas Gerais	5,67	3,42
Total	6,27	3,68

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados de 1970) e Instituto de Economia Agrícola (dados de 1978).

QUADRO 3. - Participação Relativa da Pecuária no Valor Bruto da Produção Agrícola, 1970-1978.

Estado	1970 ⁽¹⁾	1978 ⁽²⁾
Rio Grande do Sul	33,44	27,20
Santa Catarina	38,11	41,76
Paraná	28,48	21,20
São Paulo	33,79	33,67
Minas Gerais	50,24	53,05
Total	35,96	34,40

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados de 1970) e Instituto de Economia Agrícola (dados de 1978).

Clotilde Cantos

A suinocultura pode ser considerada como uma das atividades do setor primário da economia mais difundidas e de maior alcance social no País. Segundo dados do censo preliminar de agropecuária de 1975 da FIBGE, aproximadamente 2,6 milhões de propriedades rurais, ou seja, 52,5% do total das propriedades abrangidas pelo censo, dedicavam-se a essa exploração, sendo que dependiam da mesma, como principal fonte de renda, mais de 2 milhões de brasileiros, concentrados principalmente nos estados da Região Sul.

Segundo a mesma fonte, existiam aproximadamente 344 mil propriedades em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com rebanhos acima de 20 animais, sendo a grande maioria delas constituída por pequenas propriedades familiares (quadro 1).

Conquanto a suinocultura seja uma atividade altamente disseminada por todo o País, sua participação relativa no valor bruto da produção agrícola tem sido pouco expressiva, podendo-se observar, para o período 1970-78, decréscimo naquela participação, principalmente no que se refere às regiões de maior concentração da produção suinícola, como se observa no quadro 2.

Embora a comparação seja feita entre dados de diferentes fontes, pode-se inferir que o decréscimo da participação relativa da suinocultura no valor bruto da produção agrícola no período analisado decorre de acontecimentos, tais como expansão das culturas de soja e trigo, principalmente no Paraná e Rio Grande do Sul, e elevação dos preços do café, que provocaram crescimento do valor total da produção agrícola em São Paulo, Minas Gerais e Paraná, fato esse que também ocorreu para a pecuária como um todo, como se visualiza no quadro 3.

O crescimento na participação relativa da pecuária no valor bruto da produção, observado para os Estados de Santa Catarina e Minas Gerais, deve-se principalmente ao aumento no valor da avicultura no primeiro Estado e da produção da pecuária leiteira no segundo.

De maneira geral, a participação relativa da suinocultura no valor bruto da produção pecuária vem apresentando decréscimos nos principais estados produtores, principalmente em função dos baixos preços alcançados pelos produtos, que foram substituídos por atividades mais rentáveis. No entanto, com a progressiva redução das áreas disponíveis para a pecuária bovina e com a implantação de moderna tecnologia em início na suinocultura, é de se prever que a participação da atividade evolua consideravelmente.

A insegurança de mercado a que está sujeita a suinocultura tem